ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 20 DE MAIO DE 1900 N.º 834 de "O Povo de Aveiro,

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
—
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 40

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

CONTINUANDO

Os Eclipses—Os Cometas—Os Signaes Celestes — As Mathematicas e a religião.

No seu excellente livro, por nós citado já, White commenta a retractação de Galileu nos termos judiciosos, que se seguem:

«Esta abjuração, obtida por ameaças, prisão e maus tractos, como está provado pelos documentos do proprio processo, apezar dos esforços feitos pela Egreja para conservar secretos esses documentos, tem sido censurada a Galileu por muitas pessoas, as quaes, por isso, lhe recusam o titulo de martyr. Attenda-se, porém, a que esse velho, abatido pelas decepções, exgottado pelos desgostos e pelo trabalho, abandonado pelo grão-duque que o devia proteger, entregue aos seus oppressores e ameaçado com a tortura, era incapaz de se oppôr ao poder terrivel da Inquisição; a que tinha ainda de memoria a sorte de Giordano Bruno e, mais recente ainda, a de Dominis, arcebispo de Spalatro, preso oito annos antes pelas suas heresias scientificas e cujo corpo e escriptos foram queimados publicamente.

Galileu foi perseguido toda a vida e ainda depois de morto. Desterraram-n'o, affastaram-n'o da familia e dos amigos e só quando o viram cego, prostrado pela doença e pela dôr, diminuiram um pouco a severa vigilancia a que constantemente o sujeitavam. Comtudo, nem assim Galileu deixou de ser obrigado a supportar em silencio os ataques á sua pessoa e á sua obra, de vêr, compungido, severamente castigados os homens que lhe testemunharam amisade. Viveu para vêr as verdades que tinha revelado extirpadas do ensino das universidades da Europa. Uma vez que, n'uma obra scientifica, o seu nome foi citado como celebre, a Inquisição ordenou que a palavra *celebre* fosse substituida pela palavra *notorio*.

Tomaram-se todas as medidas para completar a destruição da theoria de Copernico appoiada com as provas obtidas por Galileu. A 16 de junho de 1633, a Santa-Congregação enviou a todos os nuncios da Europa, aos arcebispos e aos bispos, ao inquisidor de Italia, uma cópia da sentença pronunciada contra Galileu assim como o texto da sua abjuração, com ordem de os fazer conhecer «aos vossos vigarios, a fim de que todos os professores de philosophia e de mathematica os conheçam reconhecendo a gravidade do erro que elles conteem, para o evitar e se garantirem das penalidades em que incorreriam se viessem a cahir na mesma falta.»

«Como consequencia, foram reunidos os professores de mathematica e de astronomia das differentes universidades da Europa para ouvirem a leitura de taes documentos. Ordenou-se-lhes que espalhassem pela palavra e pela penna as refutações theologicas do systema de Copernico, o que elles não deixaram de fazer.

E assim surgiu de toda a parte uma massa de livros para dar o golpe de misericordia na doutrina execranda que punha em perigo a interpretação catholica da Sagrada Escriptura.»

O que esta santa religião, a religião do estado que *nós offendemos* e que, por isso, nos manda querelar, tem feito para impedir a marcha da sciencia e, portanto, da civilisação e do progresso!

Que ponham os olhos no que fica descripto todos os ignorantes e todos os tartufos.

Mas continuemos.

Galileu pediu para ser enterrado no tumulo de sua familia, em Santa Croce. Nem esta vontade lhe fizeram. Prohibiu-se aos seus amigos que lhe erguessem um monumento funebre, como projectavam, e o corpo do infeliz foi lançado á cova, longe dos seus, sem que ao menos lh'o cobrissem com uma simples pedra rasa onde fosse esculpido o seu nome.

Assim era tratado um dos maiores genios que tem apparecido no mundo, esse a quem as sciencias mathematica e astronomica devem os mais extraordinarios serviços!

Descartes tentou completar os estudos de Galileu. Onze annos levou a profundar a astronomia. Mas a sorte de Galileu horrorisava-o e desistiu dos seus trabalhos.

Quantos e quantos como elle! Quantas e quantas difficuldades como essa, para a sciencia! Mercê da santa religião que *nós offendemos* e que, por isso, nos manda querelar!

Seguiram-se outros campeões da luz e da verdade. Campanella escreveu a sua *Apologia de Galileu*. Infeliz! Sete vezes pagou na tortura essa offensa á santa religião, aquella religião do estado em nome da qual o sr. Alpoim pede a Roma que lhe perdôe por se ter batido em duello ao mesmo tempo que o dito sr. Alpoim, ministro da justiça, dá um pontapé no Codigo Penal, ao qual não pediu perdão nenhum, embora esse Codigo castigue o duello e o ministro da justiça seja o primeiro que está na obrigação de o acatar e cumprir!

Kepler viu os pontos fracos da obra de Copernico o qual, sob a influencia theologica, deu o flanco ao inimigo, e tapou esses rombos com as tres leis immortaes que conservam o seu nome. Tanto bastou para que a santa religião, que recebe de Deus directamente a inspiração e a verdade, que zombaria! prohibisse Kepler de continuar, intimando-o a *não levar a confusão ao reino de Christo com as suas loucas theorias*, injuriando-o, diffamando-o e acabando por o prender.

Mas atraz de Kepler veio Newton, Halley, Bradley, outros grandes astronomos e a victoria pendeu para o lado da sciencia.

Comtudo, a religião, a santa religião que *nós offendemos* e que, por isso, nos vae metter na cadeia, não deixou nunca de levantar attrictos e difficuldades, de guerrear mesmo por todas as fórmas as descobertas astronomicas, como guerreou e guerreia por systema a sciencia toda. E n'isto foi o protestantismo d'accordo com o catholicismo romano, embora com menos raiva e fanatismo. Como sempre dissémos e demonstrámos, e como sempre havemos de dizer e de demonstrar, no fundo todas as religiões valem o mesmo. Todas ellas attentam contra a liberdade e contra a civilisação.

Durante o seculo dezesete ninguem se atreveu, na Europa, a ensinar abertamente a theoria de Copernico, apezar do reforço trazido por Kepler. Já tinha começado o seculo dezoito e ainda Bossuet declarava essa theoria contraria ás Escripturas. Não obstante as brilhantes demonstrações de Newton que, muito antes, vieram reforçar as leis de Kepler!

Em 1748 publicaram em França dois eminentes mathematicos (1) uma edição do *Principia*, de Newton. Pois tiveram, para escapar á censura, de preceder a obra de uma declaração falsa! Tres annos mais tarde o grande mathematico jesuita Boscovisch via-se obrigado a declarar falsa a theoria de Copernico para poder falar n'ella. Só assim elle se julgava no caso d'ir propagando a verdade, pondo-se a salvo ao mesmo tempo!

Debalde em 1765 o grande astronomo francez Lalande tentou levar as auctoridades ecclesiasticas a riscar do Index as obras de Galileu.

No proprio seculo XIX muitas universidades catholicas da Europa, especialisando as da Hespanha, excluiram do ensino o systema de Newton!

A vingança, na phrase justa e apropriada de White, perseguia sempre os sábios além da morte. Quando, a 15 de maio de 1829, foi inaugurada em Varsovia a estatua de Copernico, nenhum padre se prestou ao acto religioso que entrava no programma da festa, apezar de Copernico ter sido o mais piedoso e honesto dos christãos. E cinco annos depois ainda o seu livro figurava no Index. Só em 1835 Roma reconheceu a necessidade politica de transigir, n'esse ponto, com o progresso.

Era tempo. A parallaxe das estrellas fixas, demonstrada por Bessel e outros astronomos, em 1838, veio affirmar para sempre a doutrina da revolução da terra em volta do sol. A experiencia de Foucault sobre o pendulo, experiencia repetida n'uma egreja de Roma, publicamente, pelo padre Lecchi, em 1852, precisamente no dia em que fazia duzentos e vinte annos que os roupetas tinham condemnado Galileu, provou o movimento da terra em volta do seu eixo.

A Egreja tem tentado por vezes esconder a sua inteira solidariedade n'esse medonho crime da condemnação de toda a sciencia astronomica. E' inutil. Dia a dia apparecem novos documentos demonstrando a verdade. Comtudo, o Papa continúa a ser Infallivel!

E diremos o resto domingo, que é a vespera do famoso eclipse que faz andar o indigena em bolandas, assustado e curioso ao mesmo tempo.

(1) Vamos seguindo n'esta exposição o admiravel livro já citado: «Histoire de la Lutte entre la Science et La Théologie», escripto pelo americano White.

Charanga de cavallaria 7

Vimos n'um jornal de fóra que a charanga de cavallaria 7 estava definitivamente organisada, e que tinha tocado pela primeira vez no passado dia 3 do corrente.

Nós não démos por tal, e como é provavel que assim succedesse a muitos outros, ahi fica a noticia. E' claro que não vamos dar alviçaras a quem nos dissér que musicas, em que local e a que hora do dia ou da noite a charanga se fez ouvir; mas como nos interessa este assumpto, e já n'elle temos falado por varias vezes, ahi fica a noticia.

Quem não ouviu, que ouvisse.

Nós não ouvimos nada, mesmo nada de todo!

Ah! Não que ella tocou ás escondidas, na parada! dizem-nos aqui do lado.

N'esse caso sim.

Mas as alviçaras cá ficam.

Um duello singular

Um chronista londrino refere o seguinte estranho lance:

«Na Irlanda deu se um duello entre um pae e sua filha. O sr. Duncara Mac-Gregor, de Buncrerara, ordenou a sua filha, que tinha apenas 15 annos, que quebrasse as suas relações com um artilheiro que a cortejava. Resultou d'isso uma violenta discussão. Depois, Mac-Gregor armou-se de um rewolver e a filha de uma espingarda e foram bater-se, sem testemunhas. Os dois duellistas atiraram varias vezes, ficando o pae ferido.

A NOSSA QUERELA

Por despacho do ex.mo sr. Francisco Antonio, conhecido juiz d'esta comarca, foi mandado responder este periodico em policia correccional e que o nosso editor ou entrasse na cadeia ou désse fiança sob caução de 500$000 réis.

Está claro, aos gatunos absolve-os o ex.mo juiz Francisco Antonio, como ainda ha pouco succedeu. Aos jornalistas impõe-lhes a caução de 500$000 réis e vae-lhes carregar com todo o peso da sua vingança.

Este caso do *Povo de Aveiro* ir ser julgado por um homem, a quem tem estigmatisado a ignorancia e o facciosismo, demonstra bem o grau de moralidade em que nós vivemos. Não seria preciso muito escrupulo para que o sr. Francisco Antonio procurasse os meios de não tomar parte no nosso julgamento, ou para que os poderes superiores lançassem os olhos para a suspeição que do contrario resulta. Sobre a justiça não podem cahir suspeições. Nem infundadas, quanto mais justificadissimas, como no caso presente. Com razão ou sem ella,—demos esta largueza á hypothese—o *Povo de Aveiro* censurou aberta e francamente os actos do actual juiz d'esta comarca, apontando factos graves. Pois não só ninguem mandou syndicar d'esses factos, não só os não desmentiram, sequer, como nem o sr. juiz Pinto tem o bom senso de se abster de julgar o periodico, que revelou e censurou importantes irregularidades commettidas por aquelle magistrado, no exercicio das suas funcções.

Com razão ou sem ella tambem, o sr. juiz Pinto é tido geralmente como rancoroso e vingativo. Temos na nossa mão documentos comprovativos d'esse conceito, em que sua excellencia é tido na comarca. Ainda ha tempos alguem escrevia a um nosso amigo pedindo-lhe que usasse da sua influencia sobre os dirigentes do *Povo de Aveiro* para que este periodico não procedesse de maneira que compromettesse o auctor da carta no conceito do juiz, por isso que, em caso contrario, este o *condemnaria fatalmente* n'uma questão que tinha suspensa.

Accrescentava o mesmo epistolographo que elle, para ser servido, *até já mudara de advogado*. Mas que não bastava. Era preciso tambem que nós o não compromettessemos.

Era isto, pouco mais ou menos. Se não eram estes os termos precisos —não nos vale a pena ir agora verificar—era esta a idéa, expressa em termos que valiam o mesmo. E citava o nome do advogado, que não repetiremos, *por agora*, como não accrestaremos, *tambem por agora*, mais explicações. Não queremos que o auctor da epistola imagine que trazemos á baila o assumpto para d'alguma fórma o incommodar, embora a attitude que elle assumiu, como consequencia do *Povo de Aveiro* não lhe fazer d'esta ultima vez a vontade, tendo-lh'a feito tantas outras, e em *occasiões solemnes*, e a circumstancia de quem escreve estas linhas não lhe dever pessoalmente favores nenhuns que o obriguem a respeitar asneiras, nos libertassem de contemplações. Mas ficaremos n'isto, *por ora*.

O que pretendemos, desde já, é provar o conceito em que é tido geralmente o juiz da comarca. De tal ordem que o que levou o auctor da carta citada a zangar se comnosco não foi tanto nós não lhe fazermos a vontade como ficar de bem com o juiz, que o havia de julgar.

Custa-nos a admittir que para se

obter uma sentença favoravel de sua excellencia seja indispensavel pôr de parte advogados antigos e amigos para os substituir pelo tal advogado predilecto de sua excellencia. Não admittimos ainda que sua excellencia favoreça os amigos e prejudique os inimigos até ao ponto que se diz, qual é, o de pôr na rua gatunos recommendados pelos favoritos e o de carregar a mão sobre os jornalistas que estranham essa gentileza. Mas o que é certo é que se diz, é que se affirma, é que é voz corrente em toda a cidade de Aveiro, o que nós podemos provar com factos, com documentos e com testemunhas.

Isso diz-se. Um orgão da opinião, que foi o *Povo de Aveiro*, sem acceitar a parcialidade do sr. juiz até esse ponto, deu, comtudo, curso a essas affirmações, apontou, comtudo, muitos factos de certa gravidade. Era o bastante, tudo, para que o sr. ministro da justiça mandasse, pelo menos, proceder a uma syndicancia.

Pois não. Não é isso que manda a moralidade. Não é isso que impõe o dever. Não é esse o caminho que o decêro aponta.

Um figurão roubou um homem, que é tido e havido como um dos maiores amigos do *Povo de Aveiro* n'esta localidade. O *Povo de Aveiro* e o seu amigo eram, de velha data, desaffectos ao sr. juiz. Senhor juiz, julgando o gatuno, reconhece que elle delinquiu, mas absolve-o por não se ter dado ao crime o seu verdadeiro nome. Está claro, aquelle juiz é um espartano, porque só um espartano seria capaz, n'estes tempos de poucos escrupulos, de prejudicar os homens da justiça, sempre ávidos de dinheiro, deixando-os a apitar pelo simples facto de se ter chamado, a um ratãosinho, gatuno em vez de se lhe chamar burlão, réo do crime de burla e de abuso de confiança.

Como não roubou propriamente, como praticou *só um crime* de burla e de abuso de confiança, vá, sem mais nada, ratãosinho em liberdade e em paz.

Muito bem, muito bem, sr. Esparta. Bravo, sr. Francisco Antonio. Realmente, consola a alma vêr, n'estes tempos de costumes faceis, de hypocrisia, de nepotismo, de negra arbitrariedade, de indecentissima corrupção, um homem tão austero cumpridor da lei. Vossa excellencia, sr. Francisco Antonio, não absolveu o gatuno por elle ter roubado um homem com quem vossa excellencia embirrava, um homem que era amigo de um periodico que perturbava, de vez em quando, a digestão de vossa excellencia. Não, não. De fórma alguma. E, por isso mesmo, vossa excellencia despachou n'um requerimento, feito, no dia immediato ao do julgamento, pelo homem com quem se dizia que vossa excellencia embirrava, pelo amigo do periodico que se dizia provocar indigestões em vossa excellencia, por isso mesmo vossa excellencia despachou n'esse requerimento: «Requeira nos termos de direito.»

Bravo, bravo, austero magistrado!

Olhou o homem, olhou o advogado para o requerimento e nada lhe viram que não estivesse nos *termos de direito*. Tornaram a olhar, matutaram, magicaram mesmo—que já era caso de magia—e diz o advogado: «Só falta aqui o reconhecimento da assignatura. Mas não póde ser. Não póde ser. O juiz tem acceitado todos os dias requerimentos sem essa formalidade. Acceitam todos os juizes, em todo o paiz. Não póde ser. Por muito má vontade que o juiz lhe tenha, seria impossivel que a sua má vontade chegasse a tanto, a essa miseria, a essa ninharia.»

«Não póde ser», concordou o amigo do *Povo de Aveiro*.

«Mas então o que ha de ser?» voltou o advogado.

E pensaram de novo! E magicaram. E mergulharam-se em philosophias. E só pela philosophia déram com a coisa.

«E' espartano», disse o amigo do *Povo de Aveiro*.

«E' espartano», concluiu o advogado.

«Então o que falta é o reconhecimento da assignatura», concordaram os dois.

E, reconhecida a assignatura, foi presente o requerimento e Francisco Antonio de Esparta,—tem direito a este nome glorioso,—deferiu o requerimento.

E' Espartano. E, por isso, outro amigo do *Povo de Aveiro*, que tinha uma sentença suspensa, desatou a gritar:

«O' diabo, ó diabo, cale-se lá com isso, senão estou perdido. Eu já mandei á fava o meu antigo advogado. Eu já tomei para advogado o socio do juiz. Mas, mesmo assim, se você não faz calar essa trombeta, estou perdido.»

E, depois, esse, como a trombeta não se calou, deixou de ser amigo. Passou mesmo a ser inimigo. Barafustou. Soltou improperios.

Nós é que não deixámos de ser amigos d'elle. Vimos que nada d'aquillo era contra nós. Não. Era tudo á cata da sentença favoravel. Era tudo para ser agradavel ao juiz.

Bravo, bravo, sr. Esparta. Bravissimo! Assim é que é. O rigoroso cumprimento da lei! Austeridade, austeridade, que bem precisa d'ella este pobre paiz!

Não é verdade, sr. ministro da justiça? Assim como um homem se póde bater em duello mandando á fava o Codigo Penal e pedindo só perdão a Roma, assim o *Povo de Aveiro*, depois de tudo quanto fica narrrado e de quanto havemos de narrar, póde ser julgado pelo sr. Francisco Antonio Pinto, por autonomasia gloriosa O Esparta. Não é assim, sr. ministro da justiça? Não é verdade?

Pois bem. Nós vivemos n'uma sociedade dissoluta. A mais torpe e a mais dissoluta de todas é, talvez, esta sociedade local onde se imprimem estas linhas. Mas vale mais uma consciencia honesta que um milhar d'ellas corruptas. Ora na cidade de Aveiro ainda ha de haver consciencias honestas.

A essas nos dirigimos.
A essas falaremos.
Por essas continuaremos.
E continuaremos com vigor.

Roubo de uma bicycleta

Foi preso em Sangalhos um individuo que comprou no estabelecimento do sr. Trindade & Filhos uma bicycleta sem falar com o dono.

D'aquella localidade foi logo expedido um telegramma perguntando se faltava alguma machina no estabelecimento do sr. Trindade. Foi-lhe respondido que não. Mas o acaso quiz que apparecesse o dono d'uma bicycleta que estava a compôr em casa do sr. Trindade. Foi n'esta occasião que este senhor se lembrou que a bicycleta roubada pertencia áquelle cavalheiro. Novo telegramma, affirmando o roubo, sendo o larapio conduzido para esta cidade, onde deu já entrada na cadeia.

Da esquadra tentou evadir-se, sendo logo agarrado.

No sitio das terras, Costa de Caparica, vive uma mulher de nome Anna *Lambiza*, que conta a bonita idade de 105 annos, pois que nasceu em janeiro de 1795.

Desfructando boa saude, vae todos os domingos ouvir missa á capella da Costa, acompanhada de uma sachola com que abre o caminho por onde ha de seguir, evitando assim o ter que atravessar lama, ou mau piso.

Habita uma casita, pela qual pagava de renda 16$000 réis, mas o seu novo senhorio, homem que possue avultada fortuna, elevou a renda a 18$000 rèis, com grande magua da pobre Anna.

Fazendo costura sem o auxilio de oculos, trata ainda de um pequeno *quinchoso*, onde ella propria semeia batatas, feijão, etc, com que abastece o seu limitado celleiro.

A boa velhota ainda promette viver alguns annos.

Monopolio do bacalhau

O preço do bacalhau elevou-se tão exageradamente, que hoje só os ricos podem adquirir este saboroso peixe.

Ha annos comprava-se o kilo de bacalhau a 140 réis e o mais caro a 160 ou 180 réis; actualmente custa 280 a 300 e mesmo 360 réis!

O maldito monopolio, tolerado descaradamente n'este paiz de arranjos e syndicatos, em beneficio de ricaços e protegidos, deve acabar de vez, porisso que o povo, sobrecarregado de impostos e sacrificadissimo com o grande augmento de preço que se deu em todos os generos de primeira necessidade, está luctando com a miseria.

A decretação da livre industria da pesca do bacalhau seria um dos mais importantes factores para o desenvolvimento da nossa marinha mercante e traria ao consumidor uma baixa no preço d'esse genero, que muito urgente e necessario se torna, attendendo ás más circumstancias em que a crise economica tem collocado as classes pobres, que são as que d'elle fazem maior consumo.

E' preciso que acabe este infame monopolio, que vive da miseria e da fome de tantos desgraçados.

Cartas d'Algures

18 de Maio.

Continua a lucta gloriosa do Transwaal contra a Inglaterra. E vae acontecendo tudo quanto se previa. O Transwaal, sósinho, succumbirá. Poderia surgir uma intervenção européa, aliás pouco provavel. Podia a Inglaterra,—isto mais provavel,—com tantas colonias no mundo, tantos interesses, tantas ambições, encontrar-se de repente a braços com um conflicto sério, d'esses que surgem quando menos se espera e donde menos se espera — os mais graves — como está acontecendo a cada passo na vida dos homens e na vida das nações. Podia levantar-se, n'uma rebeldia geral, toda a raça hollandeza das colonias do Cabo e Natal. E em qualquer d'esses casos o Transwaal obteria a paz e uma paz honrosa para elle.

Mas, por emquanto, nada. E quanto mais passa o tempo menos probabilidades ha para os boers, que se vão, comtudo, batendo habilmente e com exito. Por ora, todo o triumpho é seu. Como o fazem notar os periodicos e revistas mais serias e independentes do mundo, os boers conseguiram abater o orgulho inglez e ferir gravemente o prestigio da Inglaterra. Ficou provado que o collosso tem, até certo ponto, pés de barro e que não ha razões para esse pavor que ella tem inspirado ao mundo. Se um exercito pequenissimo a tem posto em cheque e tem mostrado a sua grande superioridade sobre o exercito inglez—n'este ponto não ha duvidas para ninguem no mundo—é paspalhice manifesta considerar certa a victoria da Inglaterra n'uma pendencia com qualquer das grandes potencias da Europa. Não foi em Trafalgar que a Inglaterra venceu a França, mas em Waterloo. As batalhas decisivas foram sempre e hão de ser sempre dadas em terra.

Ao mesmo tempo, as grandes deficiencias da organisação militar da Inglaterra não se hão de dar sómente no exercito de terra. Seria demasiada singularidade.

Seja como fôr — e as considerações que ficam atraz de nada valem para o ponto a que queremos chegar — seja como fôr, o Transwaal, vencedor ou vencido, tem o mesmo direito á sympathia, ao respeito, á admiração de todo o mundo. Não encontro nada, que mais prove a decadencia vergonhosa de Portugal, a torpeza a que isto chegou, do que essa hostilidade permanente com que são tratados os boers na imprensa officiosa e official, do que a mordaça posta a todos aquelles que, por meio da palavra ou da escripta, tentam manifestar a sua admiração pelo pequeno povo africano.

Poderiamos ter muitas offensas dos boers, que nem assim se justificava tão escandaloso procedimento. Dos boers não temos offensas nenhumas. São perfeitamente chimericos ou, pelo menos, insignificantes, uns supposstos aggravos que varios *salafrarios* allegam para ahi. Quando tivessemos offensas dos boers, ainda se poderia attenuar por ellas, nunca justificar, a conducta insolita dos salafrarios, se não tivessemos eguaes offensas da Inglaterra. Sendo incomparavelmente maiores—é irrisoria a comparação — as offensas recebidas por nós da Inglaterra, é abjecto esse espectaculo dado ao mundo do Portugal official ser mais inglez, mais desdenhoso e offensivo dos boers do que a propria Inglaterra.

Este é o facto. Na Inglaterra ha respeito e admiração pelos boers, admiração e respeito que resaltam de todos os actos officiaes e publicos. Quer no parlamento, quer na imprensa, quer nas honras prestadas aos vencidos, quer nas communicações trocadas no campo da batalha, é manifesta e clara a consideração com que a Inglaterra trata os boers. Em Portugal é lêr as *Novidades*, o *Correio da Noite*, é vêr a attitude da policia nos comicios e dos deputados no parlamento, todas as manifestações, emfim, do elemento official, que logo resalta, nitido, o desdem aggressivo pelos boers, alliado á mais revoltante subserviencia para com a Inglaterra.

E' espantoso. E não ha nada, dizemos, mais demonstrativo da decadencia a que chegámos, a decadencia abjecta dos pelintras.

Em Portugal não se prohibe, como se apregoa, que se injurie a Inglaterra. E' debaixo d'esse pretexto que se occultam os ultimos attentados á liberdade de imprensa e de tribuna. Mas é um pretexto falso. O que se prohibe em Portugal — coisas espantosas nas epochas actuaes — é que se discuta a Inglaterra. Isto é que não se quer, isto é que não se consente e uma violencia d'essa natureza só se comprehende n'um regimen de despotismo e só a permitte um povo moribundo. Em todo o universo só se discute a Inglaterra, menos em Portugal. Nãa só se discute, como se injuria. Seria motivo sufficiente para que qualquer portuguez, sem difficuldades para o governo, a injuriasse tambem. Nem a Inglaterra se atreveria a pedir satisfações a Portugal, quando as não pedisse á Allemanha, á França, á Russia, aos Estados Unidos da America do Norte, nações onde a Inglaterra vem sendo injuriada vivamente, dia a dia, ha oito mezes para cá, nem, se as pedisse, deixaria de recuar logo, envergonhada pela comparação, que, do seu procedimento singularissimo, fizesse um governo cioso da honra nacional.

Mas vá. Que se prohibisse a injuria á Inglaterra, vá. O que se prohibe, porém, não é isso. O que se prohibe é a discussão. Só se póde falar da Gran Bretanha com a condição de se entoarem louvores á nossa fiel alliada, de se lhe prestar homenagem, de se lhe tributar gratidões. Mais nada.

Ora isto, que seria, só por si, espantoso, unico, só capaz n'um paiz onde o regimen liberal seja uma perfeita mentira, é degra-

---

(39) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XV

— Estás doido, De Bracy? disse Fitzurse; lembra-te que, apezar de serem saxões, são ricos e poderosos e tratados com tanto mais respeito pelos seus compatriotas que a riqueza e as honras já são raras entre elles.

— E não se deviam consentir a nenhum, disse De Bracy, para ser completa a obra da conquista.

— Não é agora occasião de se tratar d'isso, disse Fitzurse. A crise que se approxima torna indispensavel o apoio da multidão, e o principe não poderia deixar de castigar aquelles que offendessem os favoritos do povo.

— Pois que o faça se se atrever, respondeu De Bracy; e verá immediatamente a differença entre uma *troupe* de boas lanças como as minhas e uma turba de rusticos saxões sem coragem. Mas eu não te disse qual é o meu plano. Não pareço, vestido d'esta maneira, o mais atrevido couteiro que tenha tocado uma buzina? Se houver que censurar, as culpas cahirão sobre os *outlaws* que enxameiam nas florestas do Yorkshire. Eu mandei espiões seguros seguir os movimentos dos saxões. Esta noite dormem elles no convento de S. Wittal... Withold... eu não sei que rustico santo saxão, em Burton-sobre-o-Trent. Na jornada de ámanhã estarão ao nosso alcance e cahiremos sobre elles de repente, como falcões. Logo em seguida eu appareço com o meu trajo habitual, e, fazendo o papel de cavalleiro cortez, liberto a infeliz e afflicta donzella das mãos dos seus barbaros raptores, conduzo-a ao castello de Testa-de-Boi ou á Normandia, se fôr preciso, e não a trago a seus parentes senão depois de ella ser esposa e senhora de Mauricio de Bracy.

— E' um plano admiravelmente combinado, disse Fitzurse, e creio que não é inteiramente inventado por ti. Sê franco, De Bracy; quem te ajudou n'essa invenção? e quem te assistirá na execução? Porque, se não me engano, a tua companhia deve estar em York.

— Por minha fé! Se tens muito empenho em sabel-o, respondeu De Bracy, foi o templario Brian-de-Bois-Guilbert quem ordenou a empreza, cuja ideia me foi suggerida pela aventura dos filhos de Benjamim. Elle deve ajudar-me no assalto, elle e a sua gente farão o papel de *outlaws*, de cujas mãos o meu braço valoroso, depois de eu ter mudado de vestuario, arrancará a bella Rowena.

— Pela Santa Virgem! exclamou Fitzurse, o plano é digno da vossa sabedoria junta! e a tua prudencia, de Bracy, manifesta-se especialmente no projecto de deixares a dama nas mãos do teu digno alliado. Tu poderás, quero crêl-o, conseguir raptal-a aos seus amigos saxões; mas arrancal-a depois das garras de Bois-Guilbert parece-me consideravelmente mais difficil: elle é um falcão acostumado a agarrar perdizes e a segurar firmemente a sua preza.

— Elle é templario, disse De Bracy, e não póde ser meu rival no plano de casar com a bella herdeira; e attentar contra a honra da minha futura esposa, pelos céos! ainda que elle sósinho representasse um capitulo inteiro da sua ordem, não se atreveria a fazer-me tal affronta!

— Então, visto que nada do que eu poderia dizer-te, tornou Fitzurse, te tiraria essa maluqueira da imaginação (conheço bem a teimosia do teu caracter), perde n'ella o menos tempo que fôr possivel,— que ella dure tão pouco quanto a occasião é pouco propria.

— Eu digo-te, respondeu De Bracy, que é negocio de algumas horas, e que hei de estar em York á frente dos meus valentes e valo-

dante, é vergonhoso, é abjecto, dez annos depois do *ultimatum* e em plena vigencia ainda da *commissão da subscripção nacional.*

Sarcasmos, injurias, pedradas como essas que as *Novidades*, por exemplo, atiram todos os dias aos boers, sarcasmos, injurias, pedradas, arremessadas, por um povo pequeno, a outro povo pequeno, que lucta pela sua liberdade e pela sua independencia, sarcasmos, injurias, pedradas, d'aquelles que só pódem ter por égide o direito a outros que resistem, nas mesmas condições, á força em nome do direito, sarcasmos, injurias, pedradas aos fracos misturadas de homilias servis aos fortes, é a melhor nota para aferir o estado moral d'um povo.

A attitude de Portugal na pendencia anglo-boer é a maior vergonha porque tem passado este paiz, vergonha que a historia lhe ha de gravar na campa como uma das maiores ignominias, porque é a ignominia do villão.

A mais vergonhosa, ou, pelo menos, a mais indecorosa, a mais repugnante, a mais antipathica de todas.

A. B.

Festividade

Tem hoje logar, com grande luzimento, a festividade annual do Senhor Jesus, na freguezia da Gloria.

Hontem á noite houve illuminação, tocando a phylarmonica *Amizade.*

De tarde ha procissão que percorre algumas ruas da freguezia.

A batota

A policia de Coimbra fez uma rusga a uma casa de jogo do becco da rua do Cabido, apprehendendo alli a quantia de 156$770 réis, uma roleta, dois candieiros de petroleo, 13 cadeiras, 2 mezas, 2 rodas e outros objectos de mobilia. Foram capturados cinco *pontos*, sendo-lhes arbitrada a fiança em 200$000 réis.

A PEREGRINAÇÃO

Lá vão a caminho de Roma os peregrinos. Uns, por acharem barata a viagem; outros, por desfructarem os carolas; e muitos por ociosidade. Emfim, lá foi na pandega grande numero de individuos arrastados por um acto menos digno da gente liberal e civilisada para enriquecerem ainda mais a *burra* pontifical.

Vinho quasi de graça

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio do nosso amigo Albino Pinto de Miranda, que publicâmos na secção competente.

O sr. Albino resolveu baixar o preço do vinho o mais barato possivel. Pois vende o litro do vinho tinto a 60 réis e o branco a 90. Mas é vinho que se lhe póde tirar o chapéo.

Experimentem e verão se não é verdade o que affirmâmos.

A pesca na ria d'Aveiro

Reuniu na quinta-feira passada a Associação dos Bateleiros, Mercanteis e Pescadores da ria de Aveiro, á fim de estudar a questão da pesca na nossa ria e de assentar nos termos da representação que vae enviar aos poderes publicos, solicitando a prohibição das rêdes cujo emprego é prejudicial á procriação e desenvolvimento do peixe na nossa importantissima bacia hydrographica.

Como é sabido, não são unicamente as rêdes de *arrastar* a causa do mal de que todos se queixam. O *botirão* é, na opinião geral, uma das mais devastadoras rêdes usadas pelos nossos pescadores. Dizem-nos, porém, que a Associação não inclue esta rêde no numero d'aquellas cuja prohibição vae solicitar. Não pudémos averiguar até que ponto é exacta esta informação, mas é justo que o *botirão* seja uma das rêdes prohibidas, porque, pelas dimensões extremamente pequenas da sua malha, uns seis millimetros de diametro minimo, causa, apanhando o peixe miudo, os mesmos damnos que as outras. Empobrece a ria, a trôco de uns magros reaes que o pescador obtem vendendo-o, não para a alimentação, mas, o que é mais revoltante, para adubo das terras das povoações mais proximas. E depois os inconvenientes d'esta rêde não param aqui: o *botirão*, ao mesmo tempo que devasta a ria destruindo a criação, difficulta tambem a navegação. O seu emprego é prejudicialissimo em todo o tempo, mas muito principalmente na época presente. Armado na bocca dos canaes, embaraça o livre transito fluvial e apanha na sua malha miuda quanto peixe, quanta criação a corrente das marés arrasta. Mas, como é a rêde preferida pelos mercanteis, o seu uso é mais absoluto de setembro a março, pouco mais ou menos no tempo livre da safra do mar.

Não sabemos, repetimos, se é exacto que a Associação dos Bateleiros, Mercanteis e Pescadores da ria de Aveiro a excluiu da petição que vae formular ao poder central. Se o fez, não o devia fazer. Na justa comprehensão dos seus deveres, visto que está no intuito de empregar os seus esforços na defeza dos valiosos interesses da nossa região aquicola, devia pedir o cumprimento exacto, rigoroso da lei que regula o assumpto. Muito embora todo este movimento de revolta fique em nada; mas restava-lhe a satisfação de consciencieneia por se não ter prendido com phantasias terroristas romanticamente architectadas sobre o futuro da classe cujos interesses vitaes pretende defender.

Fome?!

Porque não adoptam os nossos pescadores as rêdes de *salto*, de *cerco*, a *branqueira*, etc, que os pescadores da Murtoza usam e que não teem o inconveniente de ser prohibidas?

E' mais difficil pescar com ellas?

Precisam de se industriar no seu uso?

Parece, effectivamente, que a razão é esta. Pois não merece a minima consideração. O nosso pescador póde muito bem servir-se de rêdes identicas ás que emprega o pescador da Murtoza. Este não morre de fome. A fome preparam-n'a vandalicamente os que, podendo ser tão *arteiros* como elles, usam abusivamente de rêdes que os factos e a lei condemnam. E' justo, porém, dizer-se que o murtozeiro emprega tambem uma *arte* que é verdadeiramente damninha: referimo-nos á *tarrafa* ou *tarrafão*, como tambem lhe chamam, e que, attingindo as maiores profundidades da ria, não deixa atrás de si o mais insignificante caboz, e roçando pelos fundões destroe toda a desova. E' uma verdadeira rêde varredoira cujo uso urge prohibir absolutamente.

No *praião* apanha agora o murtozeiro, impunemente, segundo nos consta, a criação para as piscinas. Milhares e milhares de peixes são sacrificados para salvar um cento, quando é certo que os proprietarios dos viveiros não necessitam de recorrer á *apanhia* para povoar as piscinas. Mas querem especies valiosas, como solha, linguado, etc., especies cuja proporção de mortalidade nos viveiros attinge a extraordinaria somma de 99 por cento, de modo que a sua *apanhia* é um verdadeiro acto de vandalismo. Ora a *apanhia* para as piscinas é um facto que a lei não prevê e que precisa de ser convenientemente regulamentado.

Muita gente que vem para Aveiro, julga que vem comer com abundancia bom peixe e barato. Mal chegam, acham-se enganados; o peixe bom é raro, e barato nunca o comem. A este estado tem levado o uso dos processos cuja suppressão dizem ignorantemente que porá em circumstancias difficeis os nossos pescadores.

Triste ignorancia!

Um d'estes dias trouxeram-nos da praça mexilhões. Pois a maior parte d'elles tinham de diametro maximo uns três centimetros; e entre elles, imaginem, duas ostras com identicas dimensões!

Barbaros e ingnorantes!

Reclame, represente, com toda a inexorabilidade, a Associação dos Bateleiros, Mercanteis e Pescadores da ria de Aveiro; mas reclame com desprendimento de classe a execução exacta do regulamento da pesca. Só cumprindo-o á risca se conseguirá o que se pretende.

E se não se executar, fique ao menos de pé a sua reclamação, mas reclamação energica, justa, sem distincções nem exclusões interesseiras, que, a serem um facto, muito deslustrariam os reclamantes.

Quer-se o cumprimento da lei sem contemplações de natureza alguma.

O interesse geral não póde, não deve estar á mercê d'um mesquinho e ridiculo interesse particular, que, bem intendido, nem interesse particular chega a ser.

Ha uma lei, é preciso que se cumpra.

Não morrerão de fome, porque ninguem lhes impede o trabalho; antes, pelo contrario, se pretende, no interesse de todos, tornal-o mais util, mais lucrativo.

Padre Nosso d'um bebado

Santo abafadinho, que estás na quartola, purificado sejas sem agua, venha a nós o vosso liquido, para ser bebido á minha vontade, assim na taberna como em casa. Tres quartilhos por cada hora nos dae hoje; perdoe-me as vezes que bebo menos, assim como te perdôo o mal que ás vezes me fazes, não me deixes cahir atordoado, mas livra-me da policia. Amen.

Na aldeia:

— Então senhor abbade a pequena póde ir ao confesso?

— Isso sim! Ella nem sabe que Jesus Christo morreu para nos salvar!...

— Não admira, como a gente nunca lê jornaes... Eu tambem não sabia que elle estava doente.

PAPUSS

Assim se chama um extraordinario homem que actualmente está em Lisboa, e que se propõe a ser encerrado em um caixão de crystal durante nove dias e nove noites, caixão esse que será completamente lacrado e sellado.

Antes de dar entrada n'elle, será envolvido em faixas de linho de 300 metros de comprimento, ficando todo coberto até á cara, como uma mumia egypcia.

Findo o praso marcado, verificados os sellos e integridade dos lacres, é aberto o tumulo e por si mesmo mr. Papuss sahe tornando, para provar que está de excellente saude e conserva todas as suas forças, a fazer todos os exercicios que executou á entrada e pegando em um peso de 100 kilos com o qual passeia diante do publico.

Como se vê é um caso absolutamente novo para Lisboa e que está destinado a dispertar a maior curiosidade tão extraordinario e sensacional é.

Mr. Papuss tem trabalhado diante de quasi todas as summidades medicas e academias de medicina da Europa, e em Tursin o celebre criminalista Lombroso apresentou-o n'uma conferencia em que além de outros espectadores estavam mais de 400 estudantes de medicina.

E' realmente uma verdadeira celebridade que vae causar sensação em Lisboa.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

ANNUNCIOS

Associação de Classe dos Operarios de Construcção Civil e Artes Correlativas.

Afim de se dar cumprimento ás disposições do artigo 17, § 2.º, clausula 1.ª dos Estatutos d'esta Associação, são convocados todos os socios a reunirem-se no dia 2 de junho, pelas 8 horas da tarde, na sala das sessões da mesma Associação.

Se não comparecer numero legal de socios, desde já ficam avisados para se reunirem no dia 3 do mez mez, pelas 2 horas da tarde.

Aveiro, 19 de maio de 1900.

O Presidente da Assembleia Geral,

Manuel dos Santos Moreira.

NOVA ALQUILARIA
DE
MANUEL PICADO & PEREIRA
(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega
AVEIRO

rosos companheiros, prompto a sustentar as arrojadas machinações que a tua politica tiver resolvido. Mas estou a ouvir os meus camaradas a reunirem-se e os cavallos dando patadas e relinchando no pateo exterior. Adeus. Vou, como um verdadeiro cavalleiro, á conquista dos sorrisos da minha bella.

— Como um verdadeiro cavalleiro! repetiu Fitzurse, vendo-o afastar-se; dize antes—como um verdadeiro doido, ou como uma creança que deixa as occupações mais sérias e mais necessarias para sacudir a lanugem que um cardo lhe levantou no fato.—Mas é com taes instrumentos que eu tenho de trabalhar. E em beneficio de quem? De um principe tão imprudente como dissoluto e que será provavelmente um amo tão ingrato como se mostrou já filho rebelde e irmão desnaturado. Mas elle,—elle tambem—não é mais do que um dos instrumentos do meu trabalho; e se, n'um accesso de orgulho, elle se lembrasse de separar os seus interesses dos meus, é um segredo que eu depressa lhe daria a conhecer.

As meditações do homem d'estado foram interrompidas pela voz do principe, que chamava de um aposento interior:—«Nobre Waldemar Fitzurse!», e com o barrete na mão o futuro chanceller (porque era a essa dignidade que aspirava o astucioso normando) apressou-se a ir receber as ordens do seu futuro soberano.

XVI

N'um deserto distante, desconhecido da multidão, vegetou um reverendo ermita desde a mocidade até á idade madura; o musgo era o seu leito, uma gruta a sua cella humilde, o seu sustento eram fructos, a sua bebida a agua crystallina; longe dos homens, passava os seus dias com Deus; orar era a sua unica occupação, louval-o o seu unico prazer.

PARNELL.

O leitor não póde ter esquecido que o desfecho do torneio foi decidido pelos esforços de um cavalleiro desconhecido, a quem, pela sua attitude passiva e indifferente até então os espectadores haviam dado o nome de *Le Noir Faineant.* Esse cavalleiro tinha deixado o campo bruscamente quando viu a victoria consummada; e, sendo chamado para receber o premio do seu valor, não foi encontrado em parte alguma. N'esse meio tempo, emquanto era evocado pelos arautos e trombetas, o cavalleiro dirigia-se para o norte, evitando todos os caminhos frequentados e tomando pelo carreiro mais curto através dos bosques. Passou a noite n'uma pequena hospedaria afastada da estrada ordinaria, onde, comtudo, soube o resultado do torneio por um menestrel errante.

No dia immediato o cavalleiro partiu muito cedo com tenção de fazer uma grande jornada; o seu cavallo, que elle tinha poupado cuidadosamente no dia anterior, estava em estado de andar muito tempo sem precisar de grande repouso. Mas o seu proposito foi frustrado pelo facto de seguir sempre por caminhos desviados, de maneira que ao cair do dia achava-se apenas nos confins do *west-riding* do Yorkshire. A esse tempo tanto o cavallo como o cavalleiro precisavam de tomar algum alimento, e além d'isso era necessario descobrir um sitio onde pudessem passar a noite, que se approximava rapidamente.

O logar onde se achava o viajante parecia pouco propicio para lá obter abrigo ou alimento, e provavelmente elle ver-se-hia reduzido ao expediente usual dos cavalleiros andantes, que em casos identicos deixavam pastar os cavallos e deitavam-se no chão, fazendo de um carvalho docel e pensando na sua amada.

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó verniizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

BARRA—PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeja, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Com.)

Preços fixos — **VENDAS SO A DINHEIRO**

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO